



G.R.E.S.V. PAVLOVA

Presidente/ Fundador: Cássio Correia

Carnavalesco: Márcio Ronald

Autor do Enredo; Enredista e Diretor Geral: Fagner Pessoa

Diretor de Marketing Digital: Thiago Cardoso



ENREDO

O CONTO DA SAGRADA SENHORA QUE SURTIU DAS ÁGUAS DO MAR

INTRODUÇÃO

Minha piedosa Senhora do Rosário, abençoi!

Mais velas, mais preces, mais rezas, mais louvação e devoção. Fazei, Santa Senhora, de nós, teu santuário perpétuo e bento. E te homenageamos em “oferendas aos nossos sagrados Orixás” na filosofia do amor, união e respeito, marcando para a eternidade a lenda de sua chegada, onde a senhora nos escolheu, em palavras faladas que carrega “asê, emí e ofó” iluminada de energia vital, sopro de vida e encantamento cheios de “fé” e “esperança”.

Tu és a ponte que intercede até o ser de luz maior, oh mãe amável querida... Oh virgem santa de “nosso Axé”, que nos escolheu e acolhe com amor se fazendo presente em nosso majestoso e energético “gongá”, vibrando em “manifestação popular” na ligação do seu “rosário” e de nossos “fios de contas” na proteção divina, da ancestralidade preta de fundamento vivo que é nossa base e raiz, as águas salgadas do mar anunciam sua chegada em nossas vidas. Com suas “contas” milagrosas, dai-nos graças e salvação.

Tão alto nos “alevanta” em “acalanto” na proteção de seu manto e em devoção. Que as contas do seu rosário, em uma “chuva de bênçãos”, representam um povo, cultura e costumes de uma nação que pede socorro em forma de oração e louvação divina. Auxiliados a confiança de vossa santidade e grandiosidade sagrada, somos as contas do seu sagrado rosário com cheiro de rosas.

Que a fé nos faça, puro desejo em “conto, cantos e batuques”, onde somos filhos de fundamento ancestral, na gratidão e nas manifestações de festejos populares no cortejo preto na rua até o som dos atabaques na igreja.

Neste cortejo de “casta” no amor e respeito em agradecimento por ter nos escolhido e fazendo parte da união de nosso povo preto.

Sua luz “alumia”, porque me “rejo” na união da “irmandade”, no testemunho em louvor às raízes de fundamento ancestral da eterna convicção na vibração do físico, mental e espiritual.

Ó Maria, senhora de amor puro e “velado”, te reverenciamos e estamos em vós, sob a proteção com a segurança da nossa fé na magnitude astral és o vosso, cheia de graça e esperança na “liberdade” de “conto” popular “oralmente” na sabedoria e evolução.

Ave Maria! Que mora no céu azul infinito, olhai por nós! Rezamos e oramos por ti Senhora dos “pretos realeza”, rogai por nós! Ajoelhamos diante sua grandiosidade com nossos olhos “MAREJADOS DE MAR” e para virgem dos rosários congregai, Senhora do rosário dos pretos forros! “Livrai-nos de todo mal! AMÉM/AXÉ/SARAVÁ. ”

(Conjunto de orações feitas pela irmandade dos homens pretos de São Luís/ Maranhão)

SÍNTESE

Os contos populares são narrativos na tradição oral. São histórias criadas coletivamente em uma cultura e, portanto, de autoria desconhecida. Foram e continuam sendo contadas oralmente, de geração em geração na linguagem simples, porém rica com intervenções particulares do contador de história materializando o imaginário popular de acordo com sua cultura e doutrinas. PAVLOVA, em cortejo, “conta em conto” uma história que “floresceu” das águas do mar, na aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos. Eis que inicia o conto feito pelo povo, na imagem sagrada da santa do Rosário que simboliza “coroa de flores” em alusão a “campo de rosas” e depois a uma “correntinha de contas para oração” na fé do acreditar, e ainda mais belo que uma flor, cada conta do rosário “rezada, cantada e batucada” é uma rosa que desabrocha e é oferecida a Nossa Senhora, coroada como rainha do céu, da terra e protetora do povo preto.

SINOPSE

O CONTO DO MISTÉRIO DE ALÉM-MAR

Na dimensão do mar infinito, os pensamentos borbulham e se materializam, no olhar dos movimentos das ondas encantadas, nas misteriosas águas salinas. Em fantasia imaginária no interpretar e adivinhar como a imagem da “santa do rosário” veio aparecer em terras sagradas do “paraíso Brasil”, contos do povo maranhense, que diz que caravelas portuguesas a trouxeram navegando no balanço da maré criado no imaginário do medo.

E que só nos pensamentos se faz “existência fictícia” de coisas que não são reais, o pavor dos navegantes era tão intenso, que imaginavam naquelas águas profundas a existência de monstros e serpentes gigantes marinhas, devoradoras de humanos e que afundavam as embarcações, e nesta teoria popular que em uma forte tempestade, a caravela com a santa foi devorada pelo mar feroz e revoltado. Fazendo surgir uma “lenda” criada na teoria sábia do povo.

O CONTO DA SENHORA QUE VEIO DAS ÁGUAS DO MAR

A imagem da Santa do Rosário estava no fundo do mar, depois do naufrágio e “seres encantados” do reino a envolveram em bolhas levando ao castelo aquático da “rainha das águas salgadas e sagradas”, mamãe lemanjá, que pegou a imagem em um encontro de “divindades sagradas” e assim nadando em velocidade até chegar e avistar na terra, dominada por palmeiras do babaçu, de vastas areias límpidas de praia paradisíaca maranhense. As “ondas em festejo” arrebentavam em uma dança mágica de beleza singular. Uma luz forte apareceu, vinda do céu azul com nuvens brancas e surgiu das águas elevada por mamãe sereia, a imagem de Nossa senhora do Rosário, de aura em emanção sutil especulada ao redor da imagem de brilho irradiante feito a luz do astro Sol. Flutuando nas águas, a santa se faz presente e a curiosidade do povo que estavam nas areias que admiravam o milagre de beleza com “paz magnética” de força intensa que surgiu das águas feito uma miragem em vasto mistério.

O CONTO DOS POVOS QUERENDO SE APOSSAR DA IMAGEM SANTA

“Eis-me aqui, mão espalmadas e coração bento,
Mente aberta minha verdade e minha ética,
Como oferta, sempre é possível a poesia,
Mesmo na ausência do poeta”.

(Poema católico de Carlos Santos em louvor a Nossa Senhora do Rosário)

Foi um grande “furdunço”, uma verdadeira festa “cultural popular”. Que em movimentação, com barulho, algazarra e comemoração nas “narrativas orais” foi brotando do povo, de acordo com suas doutrinas e cultura. As águas do mar encantada era iluminada pela energia sagrada da imagem da virgem santa, no “vai e vem das ondas” que se estendiam feito um “véu místico” sobre as areias molhadas, onde conchas coloridas, com a força aquática faziam a sinfonia de sons que hipnotizava e criavam marcas nas areias, desenhos em relevo, feito caminhos em vibração de ligação energética do “astral espiritual e o plano terreno”. Os olhos do povo reunido na imensidão branca das areias de “Upaon-açu”, fincavam estes olhares marejados na aparição daquela imagem da Santa do Rosário, parada flutuando sobre o misterioso mar. Começou então a corrida para ver qual o povo que conseguiria tirar e se apossar da imagem santa das águas. Como se achavam superiores aos demais, os Europeus levaram para a beira do mar, toda a riqueza e luxo barroco das igrejas e prometeram a santa uma igreja, com altar bordado a ouro e pedras preciosas só para ela e um andor conduzido por marinheiros para a santa circular pelas vielas da ilha com o povo em procissão, porém a imagem da santa não se mexeu e nas águas se manteve.

Surgiu o povo originário, a tribo Tupinambá, mostrando na beira das águas toda sua cultura e fundamentos, como artesanato, o ritmo do som dos maracás para envolver a santa com a religiosidade, a dança circular e ofertando frutos, raízes e legumes, aves exóticas típicas do lugar e cânticos sagrados indígenas. Porém, a imagem da santa não se moveu e nem saiu das águas ao encontro daquele povo em seu louvor. Rosas desabrocharam em respeito àquele povo, mas a santa continuava imóvel sobre as águas salgadas.

O CONTO ENCANTADO DO POVO PRETO QUE A SANTA ESCOLHEU

“Senhora do Rosário foi quem me trouxe aqui, a água do mar é santa
Eu vi, eu vi, eu vi (bis).
Saravá vovô Rei do Congo que é dono da gira do meu terreiro
Saravá pra todas as almas do cativeiro,
Adorei as almas e ao rosário santo e bendito.”

(Pontos cantados na Umbanda em louvor a Nossa Senhora Do Rosário e às almas santas e benditas)

Com uma vibração de energia, manifestava-se um canto forte nas areias, um cheiro de folhas sagradas, fios de contas coloridos e um batuque forte vindo dos atabaques. A imagem da santa no mar mexeu a cabeça curiosa e avistou “deuses que dançavam”, que são tão sagrados como ela. A cor da pele daquele povo, vestidos de um branco intenso e reluzente, povo de sorriso largo e alegria fez com que a santa sentisse parte daquele fundamento majestoso. Uma “fumaça de mato” se espalhava por todo canto e a magia encantou a santidade que escolheu aquele povo preto para proteger. Rosas infinitas envolvem a base da imagem, que se movimentou e chegou até a margem e

uma chuva suave começou a cair do céu, onde uma revoada de pombos, junto a Oxalá veio recepcionar a santa e uma tábua de búzios apareceu em uma roda de orixás, na qual a imagem foi colocada e ali foi levada como um cortejo da realeza preta até o “Quilombo Oiteiro dos Nogueiras”, e em respeito a grandiosidade da santa, foi colocada no “Gongá” junto a várias imagens consagradas como ela. Ali, ela escutou tudo que aquele povo sofria, e um conto diz que ela chorou e suas lágrimas caíram em um capim e formou-se contas, sementes cujo nome ficou batizado pelo povo preto como “lágrimas de nossa senhora”, que a partir deste momento virou guias usadas pelos “pretos velhos” e aquele fio de conta era a proteção do povo que a santa acolheu. Oferendas eram colocadas aos seus pés e uma forte gargalhada a imagem da santa escutou e ali reverenciou em agradecimento ao dono dos caminhos, “Laroyê EXÚ, mojubá Axé!”.

O CONTO DA CULTURA POPULAR EM UNIÃO NA RUA DA SANTA DO ROSÁRIO NO BATUQUE DE SÃO BENEDITO, O ENCONTRO DOS PROTETORES DA REALEZA PRETA

A Santa, encantada pela cultura do povo preto que a escolheu, sentia falta do batuque que escutou quando ainda estava sob as águas do mar. Exú, dono das ruas, á levou pelos caminhos e ali se misturou com o povo que em “festejos folclóricos culturais” saiam em cortejos e procissões na fé a São Benedito dos homens pretos. E neste momento acontece o encontro dos protetores da realeza preta, formando irmandades do rosário dos homens pretos, e assim a Santa escutou os batuques dos tambores sagrados com danças e cantos das manifestações dos cortejos folclóricos. Todos juntos em comemoração. Chegando até a porta da igreja, onde o padre grita: “não há missa sem batuque. Abram as portas para o povo entrar! ”. E essa era a missão da aparição da imagem da santa em terras brasileiras, para mostrar que a cultura do povo é desenvolvida pelo respeito e aprendizado de cada fundamento, onde a união de todos os povos era o segredo da força e felicidade como a vibração energética que o som dos tambores expressa, que fazem o corpo dançar na encartaria do amor incondicional, que faz toda a diferença para a perpetuação da paz onde a “fé é a esperança de um mundo melhor”.

SALVE SÃO BENEDITO DOS PRETOS FORROS!
SALVE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS!
SALVE TODOS OS POVOS E A CULTURA RICA ORALMENTE.
SALVE A ARTE FOLIA QUE MATERIALIZA HISTÓRIAS ATRAVÉS DO CARNAVAL!

SALVE PAVLOVA!
MERGULHADO NA CULTURA QUE VEM DAS ÁGUAS DO MAR SAGRADO.

O galo cantou quando Jesus nasceu
Mas também o galo cantou
Quando a senhora do Rosário aqui chegou
Viva, aleluia e axé. Saravá todo o povo preto
Que tem a proteção da santa Maria do Rosário.

(cântico popular feito em cortejos da irmandade dos homens pretos do rosário)

GLOSSÁRIO.

Asè- Termo Yorubá, o mesmo que Axé, significa “força, poder”. Força vital e presente em cada ser ou em cada coisa que nas religiões de matriz africana representa também a energia sagrada dos Orixás.

Emí- na mitologia Yorubá, é o sopro de vida que emana. É a força-motriz do ser humano, o que comprova a nossa presença no mundo físico, oral (fala).

Ofó- é uma palavra de origem Yorubá, que designa o encantamento por meio das palavras, que por sua vez determinam que uma força aja sobre um ato. O povo Yorubá acredita muito no poder das palavras faladas e é no valor dela que se encontra o ofó, o aspecto oral possuidor de força.

Fio de Conta- é um colar usado por adeptos de religiões de matriz africana, é um instrumento sagrado religioso que simboliza a ligação entre o divino e a matéria. Também conhecido como guia, brajá, cordão de santo ou colar de santo.

Casta- qualquer grupo social ou sistema hereditário em conjunto de práticas, reunião de pessoas em prol a uma causa.

Rejo- é uma flexão do verbo reger que significa conduzir, dirigir, orientar, administrar, comandar, entre outros...

Velado- que se encontra encoberto por algo, tapado, escondido, fiel a seguir algo.

Fictícia- algo que não é verdadeiro ou que não corresponde à realidade, algo imaginário, simulado ou aparente.

Palmeiras de Babaçu- são palmeiras oleaginosas nativas da América do Sul, que produzem cocos com óleo de grande valor industrial, costumam ser encontradas nos entornos de praias e ilhas Maranhense.

Upaon-açu- é uma ilha brasileira no estado do Maranhão, nome dado pelos Tremembés (Tupi-Guarani) e significa “ilha grande”. Também foi chamada de ilha de São Luís.

Quilombo Oiteiro dos Nogueiras- localizado em Itapecuru- mirim- Maranhão. Foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. É um Quilombo urbano que representa um espaço de resistência à escravidão, onde negros e africanos fugidos se estabeleceram.

Gongá- altar de Umbanda e de outros cultos africanos religiosos heterodoxos: conga

BIBLIOGRAFIA

- *Enciclopédia Cultos de Nação CANDOMBLÉS- Pág. 51 a 64. Número 0005.
- *Livro Armazém do Folclore- Ricardo Azevedo- edição 1.
- *Livro As 100 melhores lendas do folclore brasileiro- Autor: A.S. Franchini.
- *Livro Contos Indígenas Brasileiros- Daniel Munduruku. Editora Global.
- *Livro Dicionário do Folclore Brasileiro- Luis Da Camara Cascudo.
- *Livro O Rosário de Nossa Senhora- Bártolo Longo- edição 2.
- *Livro Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Pretos- (in)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência- Henrique Melati Pacheco/ Marina Camilo Haack/ Paulo Roberto Staudt Moreira.
- *Livro Ritmos da identidade- Mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão- Carlos Benedito Rodrigues Da Silva.
- *Livro folguedos e danças juninas do Maranhão- José Ribamar Souza dos Reis.
- *Livro Passeios pela História e Cultura do Maranhão- Wilson Marques- edição 3- editora Caravana.
- *Documentário / curta- metragem- Maranhão 66- Direção: Glauber Rocha- 1966.
- *Documentário- São Luís como você nunca viu- documentário completo sobre a capital do Maranhão e região.
- *Documentário- Memórias do Rosário- Festa do Rosário e da Irmandade.
- *Documentário- O Bastão e o Rosário- Ana Luísa Cosse.
- *Documentário do ano de 2013- Quatro mistérios do Rosário. Realização: Tv Ovo.
- *Livro Órun- ÀIYÉ: O encontro de dois mundos- José Beniste- editora Bertrand Brasil.
- *Livro Contos Africanos- Ernesto Rodriguez Abad- edição 3.
- *Livro O Rosário Meditado- Padre José Baldelli.
- *Livro História do Rosário- Emanuele Giulietti- editora Paulus.
- *Livro Santo Rosário- Josemaria Escrivá- editora Quadrante.
- *Livro- O Rosário das Cláusulas, uma lectio orante com Nossa Senhora- Um Cartuxo.